

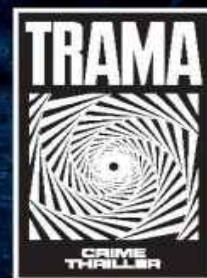
CLAIRE
DOUGLAS

A CASA

DOS

SONHOS

A CASA ERA TUDO QUE ELES
SEMPRE DESEJARAM...
ATÉ OS CORPOS SURGIREM.







CLAIRE
DOUGLAS

A CASA
DOS
SONHOS

TRADUÇÃO
Regiane Winarski

TRAMA

Título original: *The Couple at No. 9*
Copyright © 2021 by Claire Douglas

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Trama, selo da Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Av. Rio Branco, 115 – Salas 1201 a 1205 – Centro – 20040-004
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D733c Douglas, Claire

A casa dos sonhos / Claire Douglas ; tradução de Regiane Winarski. – 2.ed. – Rio de Janeiro : Trama, 2024.

Formato: epub com 3,1 MB

Título original: *The Couple at Number 9*

ISBN: 978-65-81339-16-6

1. Literatura inglesa. I. Winarski, Regiane. II. Título.

CDD: 820

CDU: 820

André Felipe de Moraes Queiroz – Bibliotecário – CRB-4/2242

Visite nossa loja virtual em:



www.editoratrama.com.br



*Para Elizabeth Lane,
Rhoda Douglas e June Kennedy*

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Parte um

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Parte dois

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

Parte três

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

Parte quatro

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

Agradecimentos

Colofão

PARTE UM

Saffy

Abril de 2018

Estou no jardim da frente, arrancando ervas daninhas que saem das bordas da entrada da garagem como aranhas gigantes, quando escuto gritos graves e guturais. Os empreiteiros estão no quintal dos fundos com a escavadeira. A manhã toda, enquanto eu podava a roseira debaixo da janela da sala, ouvi a vibração dela na brisa, como uma dor de cabeça chata. Mas agora parou. É o suficiente para fazer meu coração bater e Snowy, o cachorrinho Westie da vovó que está deitado do meu lado, levantar as orelhas. Eu me viro para o chalé, uma camada de suor surgindo no meio das costas. Aconteceu alguma coisa? Imagino membros cortados e sangue jorrando, um contraste com o céu azul e o sol forte, e meu estômago se embrulha. Nunca tive estômago forte, nem nos meus melhores momentos. Mas, estando grávida de quatorze semanas, eu ainda tenho enjoos matinais... ou melhor, matinais, vespertinos e noturnos.

Eu me levanto com manchas de lama nos joelhos da calça jeans, ainda do meu tamanho de sempre, apesar de a cintura estar um pouco apertada. Penso enquanto mordo a bochecha por dentro, me repreendendo internamente por ser tão indecisa. Snowy também se levanta, as orelhas de pé, e emite um latido solitário quando um dos empreiteiros (Jonty, o jovem e bonito) aparece de repente na lateral da casa. Ele está correndo na minha direção com círculos molhados de suor debaixo das axilas da camiseta enquanto sacode o boné no ar para chamar minha atenção, os cachos claros balançando a cada passo.

Merda, ele vai me dizer que houve um acidente. Luto contra o impulso de correr na direção oposta e protejo os olhos do sol que bate no telhado de

sapê. Jonty não parece estar ferido, mas, quando ele chega mais perto, vejo que sua cara sardenta está em choque.

— Alguém se machucou? — grito, tentando deixar o pânico de fora da voz.

Ai, meu Deus, vou ter que chamar uma ambulância. Eu nunca liguei para a emergência na vida. E não sou boa com sangue. Eu queria ser enfermeira quando era mais nova, até que desmaiei quando minha melhor amiga caiu da bicicleta e abriu o joelho.

— Não. Desculpa incomodar, mas — ele parece sem fôlego e as palavras saem às pressas — nós encontramos uma coisa. Melhor você vir ver. Rápido!

Eu largo as luvas de jardinagem na grama e o sigo pela lateral do chalé, Snowy logo atrás, me perguntando o que pode ser. Um tesouro, talvez? Uma relíquia do passado que poderia ser exibida em um museu? Mas os gritos não foram de alegria pela descoberta de algo precioso. Eram gritos cheios de medo.

Eu queria que Tom estivesse junto. Não me sinto à vontade para lidar com os empreiteiros quando ele está no trabalho: eles ficam fazendo perguntas, esperando que eu tome decisões que tenho medo de serem erradas, e eu nunca fui muito autoritária. Tenho 24 anos, Tom e eu nos formamos na universidade há apenas três anos. Tudo isso, a mudança do apartamento em Croydon para Beggars Nook, um vilarejo pitoresco nas Cotswolds e o chalé com vista para o bosque, foi tão inesperado. Um presente surpresa.

Jonty me leva para o quintal. Antes de os empreiteiros chegarem, tinha uma aparência idílica, com vegetação madura, a madressilva serpenteando pelas treliças e as pedras no canto cheias de amores-perfeitos aveludados em uma explosão de rosa e lilás. Agora, tem uma escavadeira laranja feia cercada de um monte enorme de terra escavada. Os outros dois empreiteiros (Darren, com trinta e poucos anos e uma barba hipster que, pela postura confiante, é o chefe, e Karl, mais ou menos da minha idade e corpulento como um jogador de rúgbi) estão olhando para o buraco que eles fizeram no chão, as mãos na cintura, as botas pesadas afundando no solo. Eles viram a

cabeça em perfeita sincronia quando me aproximo. Estão com expressões chocadas idênticas, mas os olhos de Karl estão brilhando com algo que parece empolgação. Sigo o olhar dele e reparo em um vislumbre de marfim no meio da terra, despontando como porcelana quebrada. Instintivamente, estico a mão e seguro a coleira de Snowy para impedi-lo de correr até o buraco.

— Quando estávamos cavando, nós encontramos... *uma coisa* — diz Darren, cruzando os braços sobre a camiseta suja de terra.

— O que é? — Snowy puxa minha mão e eu o seguro com mais força.

— Restos. — A expressão de Darren é sombria.

— Tipo... de um animal? — pergunto. Darren e os outros trocam um olhar.

Karl dá um passo à frente com confiança, quase euforia, chutando terra do chão ao andar.

— Parece uma mão...

Eu dou um passo para trás, horrorizada.

— Então você está dizendo... que são restos humanos?

Darren me olha com pena.

— Acho que são. É melhor você chamar a polícia.

Quando Tom chega, duas horas depois, estou andando de um lado para o outro na nossa cozinha pequena. Parece uma relíquia dos anos 1980, com armários no estilo casa de fazenda e cenas de porcos e ovelhas bochechudos nos azulejos. Nós conseguimos espremer nela nossa mesa de carvalho do apartamento, mas só dá para puxar duas das quatro cadeiras. Pouco depois que nos mudamos, em fevereiro, nós nos sentamos com o arquiteto, um homem baixo e calvo na casa dos sessenta anos chamado Clive, com boa reputação na região, para planejar os fundos da casa: a cozinha seria ampliada e acompanharia toda a largura do chalé, com portas de vidro levando ao quintal grande. E, para ser sincera, me fez parar de pensar na gravidez, que ainda me deixa nervosa apesar de eu ter feito o ultrassom de doze semanas e estar tudo bem. Mas eu morro de medo de todas as possibilidades. E se eu sofrer um aborto espontâneo? E se não crescer direito, nascer prematuro ou nascer morto? E se eu não aguentar quando o bebê nascer ou tiver depressão pós-parto?

A gravidez não foi planejada. Foi uma coisa sobre a qual Tom e eu tínhamos conversado por alto que poderia ser talvez para depois do casamento, mas nós estávamos ocupados começando a subir nas nossas respectivas carreiras e economizando para dar entrada no nosso apartamento próprio. Bebês e casamento eram para quando nós estivéssemos mais velhos. Para quando nos tornássemos adultos de verdade. Mas eu estava mal do estômago e tinha me esquecido de tomar as precauções. E um único escorregão resultou naquilo. *Um bebê*. Eu seria mãe jovem, mas não tão jovem quanto a minha mãe tinha sido.

Snowy está deitado na caminha perto do fogão, a cabeça entre as patas, me observando enquanto eu ando. Da janela de caixilhos de chumbo eu vejo a atividade no quintal. Uma tenda branca foi erigida sobre metade do gramado e policiais e homens com uniformes da perícia vêm e vão, junto

com outro policial com uma câmera pendurada no pescoço. Uma fita amarela fluorescente foi colocada em volta da tenda e balança com a brisa leve. Nela, está escrito CENA DO CRIME NÃO PASSE, e fico enjoada cada vez que eu olho. Até parece uma cena de uma série sobre crimes da ITV, mas a presença dela ali faz a ficha sobre aquela situação cair. Eu tinha ficado surpresa (e até um pouco orgulhosa, para falar a verdade) comigo mesma pela rapidez com que assumi o controle das coisas depois que me recuperei do choque. Primeiro, liguei para a polícia, depois, quando tínhamos dado nossos depoimentos, mandei os empreiteiros embora e disse que avisaria quando eles pudessem retomar o trabalho, mesmo com o coração disparado o tempo todo. Em seguida, liguei para Tom no escritório de Londres; ele disse que pegaria o próximo trem para casa.

Ouçõ a lambreta do Tom parar na entrada; ele sempre quis uma e se deu de presente uma usada quando nos mudamos, para ir e voltar da estação. É mais barato do que ter dois carros, e todo o dinheiro que economizamos está indo para a obra.

Ouçõ a porta bater. Tom entra correndo na cozinha, o rosto tomado de preocupação. Ele está de óculos, o moderno com armação preta que ele comprou quando começou no emprego novo no departamento financeiro de uma empresa de tecnologia, mais de um ano antes. Ele achou que o deixava mais sério. A franja loura cai no rosto e ele está todo amassado, com a camisa de linho e o blazer por cima da calça jeans. Independentemente do que ele vista, sempre consegue parecer um estudante. Ele está com cheiro de Londres, de fumaça, trens, café de rua e dos perfumes caros das outras pessoas. Snowy está andando em volta das nossas pernas e Tom se inclina para fazer carinho nele com certa distração, com a atenção focada em mim.

— Ah, meu Deus, você está bem? Que susto... o bebê — diz ele, se empertigando.

— Está tudo bem. Nós estamos bem — digo, com as palmas das mãos na barriga de forma protetora. — A polícia ainda está lá fora. Já me interrogaram e falaram com os empreiteiros, agora colocaram fita de isolamento e uma tenda.

— Porra. — Ele olha para trás de mim, para a cena pela janela, e a expressão dele se fecha por alguns segundos. Ele se vira para mim. — Te deram alguma informação?

— Não, quase nada. É um esqueleto humano. Quem sabe há quanto tempo está aí? Pode ter umas centenas de anos até onde eu sei.

— Ou ser de tempos romanos — diz ele com um sorriso irônico.

— Exatamente. Capaz de estar ali antes de Skelton Place ser construída. E isso foi em... — Eu franzo a testa e percebo que não consigo lembrar.

— Em 1855. — Claro que Tom sabia. Ele só precisa ler as coisas uma vez para lembrar. Sempre era o primeiro a responder às perguntas de conhecimentos gerais em game shows e sempre está pesquisando fatos e curiosidades no celular. Ele é o oposto de mim: calmo, pragmático e nunca exagera na reação. — Mas parece que a coisa é séria — reflete Tom, os olhos ainda fixados na cena no quintal. Eu sigo o olhar dele. Alguém apareceu com dois cães farejadores de cadáveres. Será que desconfiam que haja mais corpos? Meu estômago fica embrulhado.

Tom se vira para mim, a voz séria.

— Não era o que esperávamos quando nos mudamos para o interior. — Um momento de silêncio antes de começarmos a rir de nervoso.

— Ah, Deus — digo, ficando séria de repente. — Parece errado rir. Alguém morreu, afinal.

Isso nos faz rir de novo.

Somos interrompidos por alguém pigarreando. Nos viramos e vemos uma policial uniformizada parada na porta dos fundos. É uma daquelas portas tipo de estábulo e só a metade de cima está aberta, de forma que parece que ela vai apresentar um teatrinho de marionetes. Ela está nos olhando como se fôssemos duas crianças malcomportadas na escola. Snowy começa a latir para ela.

— Está tudo bem — murmura Tom para Snowy.

— Desculpe interromper — diz a policial, sem parecer estar arrependida. — Eu bati. — Ela abre a metade de baixo da porta e fica parada na soleira.

— Tudo bem — diz Tom. Ele solta Snowy, que na mesma hora corre até a policial para cheirar a calça dela. Ela parece vagamente irritada enquanto

o empurra com a perna.

— Policial Amanda Price. — Ela é uns 15 anos mais velha do que nós, com cabelo escuro nos ombros e olhos azuis intensos. — Posso só confirmar que vocês são os donos da propriedade? Tom Perkins e Saffron Cutler?

Tecnicamente, é a minha mãe, mas não quero complicar as coisas dizendo isso.

— Sim — diz Tom, arregalando os olhos para mim. — Este chalé é nosso.

— Certo — diz Price. — Nós vamos demorar mais um pouco, infelizmente. Tem alguém com quem vocês possam ficar esta noite, talvez este fim de semana?

Penso em Tara, que agora mora em Londres, e na minha amiga de escola, Beth, que mora em Kent. Os amigos de Tom estão em Poole, de onde ele é, ou em Croydon.

— Nós não moramos aqui há muito tempo. Ainda não fizemos amizades na região — digo, e me dou conta do quanto estamos isolados naquele novo vilarejo no meio do nada.

— Pais moram perto?

Tom faz que não.

— Os meus continuam lá em Poole e a mãe da Saffy está na Espanha.

— E meu pai mora em Londres — digo. — Mas ele só tem um apartamento de um quarto...

Ela franze a testa ao ouvir isso, como se fosse informação de que ela não precisa.

— Então vou sugerir um hotel, só até domingo. A polícia vai pagar seus gastos com essa inconveniência. É só enquanto a cena do crime é examinada e a escavação termina.

As palavras “cena do crime” e “escavação” me deixam enjoada.

— Quando a obra pode recomeçar? — pergunta Tom.

Ela suspira, como se essa pergunta estivesse sendo feita cedo demais.

— Infelizmente, vocês só vão poder usar o quintal quando a escavação e a remoção do esqueleto tiverem terminado. Vocês terão que esperar até o

parecer do ODCC. É a sigla pra oficial de cena do crime — esclarece ela quando nós a olhamos com expressão intrigada.

— Então vocês acham que foi crime? — pergunto, lançando um olhar preocupado para Tom. Ele tenta sorrir para mim e me tranquilizar, mas o que sai é uma careta.

— Nós estamos tratando o local como cena do crime, sim — diz ela, como se eu fosse incrivelmente estúpida, mas não oferece mais nenhuma informação e sinto que não adiantaria nada perguntar.

— Nós estamos aqui há poucos meses — digo, sentindo necessidade de explicar, caso a policial durona achasse que nós tivemos alguma coisa a ver com aquilo, como se tivéssemos o hábito de esconder cadáveres no nosso quintal. — Pode estar aí há anos... séculos, até... — Mas a expressão na cara dela me faz hesitar.

A policial Price repuxa os lábios apertados.

— Eu não estou autorizada a falar mais nada agora. A perícia pediu que um antropólogo forense confirme que os ossos são humanos e nós vamos avisar o que descobrirmos.

Penso na mão que Karl alega ter visto. Não parece haver muita dúvida. Há alguns momentos de silêncio constrangedor antes de ela sair. Mas ela pausa, como se tivesse se lembrado de algo de repente.

— Ah, e por favor saiam daqui em uma hora.

Nós a vemos sair para o quintal e ir para o mundo horrendo de perícia policial, e eu me esforço para não chorar. Tom pega a minha mão em silêncio, como se tivesse perdido a capacidade de oferecer palavras de consolo.

E de repente me ocorre que aquilo está mesmo acontecendo. Nossa casa dos sonhos, nosso lindo chalé, agora é uma cena de crime.

Por sorte, o Veado e Faisão, no vilarejo, tem um quarto para ficarmos e permite cachorros. Nós vamos cada um com uma bolsa, que Tom insiste em carregar enquanto eu seguro a guia do Snowy.

A dona, Sandra Owens, nos olha com cara de questionamento.

— Vocês não são os novos donos do chalé em Skelton Place? — pergunta ela enquanto estamos na área do bar. Nós só fomos ao bar uma vez desde que nos mudamos para Beggars Nook, em um almoço de domingo no mês anterior. Nós ficamos impressionados com o bom gosto das paredes verde-claras, com a mobília rústica e a comida caseira deliciosa. Ao que parecia, passou por uma grande reforma quando os Owens o assumiram, cinco anos antes.

Eu não sei o que dizer. Quando a notícia se espalhar, vai ser por todo o vilarejo.

— Nós tivemos um probleminha com a reforma — diz Tom, com voz agradável e indiferente — e achamos melhor passar umas noites fora, até tudo se resolver.

— Certo — diz Sandra, embora não pareça particularmente convencida.

Ela tem cinquenta e tantos anos e é atraente, com o cabelo claro nos ombros e um vestido envelope elegante. Não vai demorar para ela saber a verdade, mas nenhum de nós quer contar naquela noite. O cansaço bateu e não são nem 19h, ainda está claro. Eu só quero ir para a cama.

Ela nos leva para um quarto de casal, que é pequeno e aconchegante com vista para a floresta pelas janelas dos fundos.

— O café da manhã é das 7h30 às 10h — diz ela antes de sair.

Tom está parado perto da mesinha com as coisas de chá, olhando pela janela para as árvores ao longe.

— Não estou acreditando nisso — diz ele de costas para mim.

Eu me deito na cama; é uma cama linda de dossel com uma colcha de retalhos em tons de azul. Normalmente, isso seria delicioso para nós. Não tiramos férias há séculos, todo o nosso dinheiro nos últimos cinco meses foi guardado para a ampliação, mas está maculado, manchado pela escavação no chalé. Cada vez que penso nisso, fico enjoada.

Snowy sobe na cama ao meu lado, coloca a cabeça no meu colo e me olha com os olhos castanhos cheios de ternura.

— Eu não acredito que fomos expulsos da nossa própria casa — digo enquanto acaricio a cabeça de Snowy. E puxo o casaco em volta do corpo. Ficou frio, talvez seja choque térmico.

Tom liga o interruptor da chaleira elétrica de plástico e se junta a nós na cama. O colchão é mais macio do que o nosso em casa.

— Eu sei. Mas vai ficar tudo bem — diz ele, voltando ao otimismo anterior. — Nós vamos poder seguir com a nossa reforma em breve e tudo vai voltar ao normal.

Eu me aconchego nele, querendo poder acreditar.

Nós resistimos à vontade de passar pelo chalé. Em vez disso, ficamos o fim de semana no bar ou fazendo longas caminhadas pelo vilarejo e pelo bosque.

— Pelo menos me dá uma folga da decoração neste fim de semana — diz Tom no sábado enquanto segura a minha mão e nós andamos pela praça do vilarejo.

Ele já fez tanta coisa no chalé desde que nos mudamos: tirou o carpete puído da escada, pintou a sala e o nosso quarto de cinza, lixou o piso. Agora, quer tirar o papel de parede do quartinho para ficar pronto para ser decorado antes da chegada do bebê, apesar de ter adiado isso até meu ultrassom de doze semanas para não provocar o destino.

Quando nós voltamos no domingo depois do almoço, com as bolsas nos pés, como visitantes na nossa própria casa, meu coração despenca. Ainda tem viaturas e furgões da polícia estacionados na entrada da nossa casa. Outro policial uniformizado, desta vez um homem de meia-idade, nos informa que a escavação deve acabar até o fim do dia e que podemos entrar no chalé, mas não no quintal, até eles terminarem. Eu me pergunto se revistaram dentro. O pensamento me deixa inquieta: eu odeio pensar na polícia remexendo nas nossas coisas. Quando falo isso para Tom, ele me garante que eles teriam avisado caso fossem fazer isso.

Tom e eu passamos o resto da tarde escondidos na sala.

— O que os vizinhos devem estar pensando? — digo, parada na janela tomando um café descafeinado.

Penso em Jack e Brenda, o casal de idosos da casa ao lado. Uma cerca-viva esconde a propriedade deles da nossa, mas ela é do tipo que xereta

atrás da cortina e, quando Clive propôs a planta da ampliação da cozinha, eles foram contra.

Uma pequena multidão se reuniu no começo da nossa entrada de carros, parcialmente escondida pelas viaturas da polícia.

— Aposto que são jornalistas — diz Tom por cima do meu ombro, os dedos segurando uma caneca. — Talvez seja bom você ligar para o seu pai e pedir conselhos.

Meu pai é chefe de reportagem de um tabloide nacional. Eu faço que sim com gravidade. Eu me sinto tão exposta quanto se alguém tivesse arrancado o telhado da nossa casa.

— Isso é um pesadelo — murmuro.

Pela primeira vez, Tom não oferece palavras de tranquilização. O rosto dele está sério, um músculo latejando perto da mandíbula enquanto ele olha pela janela, tomando o café em silêncio.

Ligo para o meu pai, pois quero pedir conselho.

— Não quer dar uma exclusiva para o seu velho pai? — pergunta ele.

Eu dou uma risada.

— Eu não sei de nada! Vai ver que tem uns cem anos de idade.

— Bem, se não tiver, preciso te avisar que, assim que a polícia confirmar um crime e tiver identificado o corpo, vocês vão ser cercados pela imprensa.

— É melhor a gente se mudar daqui? — Se bem que, quando falo isso, não tenho ideia de para onde nós iríamos. Nós não podemos pagar um hotel. Eu queria que meu pai morasse mais perto. Ou a minha mãe, mas ela está mais longe ainda.

— Não. Não, não faz isso. Só se prepara. E, se precisar de alguma coisa, informações ou conselhos, me avisa. — Percebo que ele está na redação pelo som de telefones tocando ao fundo e pelo burburinho de conversas e atividades.

— Vocês vão mandar alguém vir para cá?

— Acho que vamos usar uma agência de notícias agora. Mas, se você for falar com a imprensa, lembre-se de mim, está bem? Falando sério, Saff, se

— você estiver insegura com alguma coisa, com a polícia ou com os repórteres, fala comigo primeiro.

— Obrigada, pai — digo, me sentindo mais calma. Meu pai sempre teve a capacidade de me fazer sentir segura.

Na manhã seguinte, a polícia tira a tenda e a fita. Tom e eu olhamos horrorizados o buraco enorme que ficou no quintal. É quatro vezes maior do que quando os empreiteiros saíram. Tom pergunta ao chefe se pode trabalhar de casa por alguns dias e os passamos tentando evitar a quantidade enorme de jornalistas que continua rondando.

E aí, na quarta-feira, o dia em que Tom volta ao trabalho, a polícia liga.

— Infelizmente a notícia não é boa — diz o detetive com voz rouca, cujo nome esqueço na mesma hora.

Eu fico tensa e espero.

— Dois corpos foram encontrados.

Eu quase deixo o telefone cair.

— Dois corpos?

— Infelizmente, sim. Todos os ossos foram recuperados e a perícia pôde determinar que um era de homem e o outro de mulher. Nós também identificamos as idades das vítimas com base na formação óssea e na maturidade. Ambas as vítimas tinham entre 30 e 45 anos.

Não consigo falar, vou ficando nauseada.

— Infelizmente — continua ele — a vítima mulher morreu de trauma por objeto contundente na cabeça. Ainda estamos tentando descobrir como o homem morreu. A decomposição dos tecidos dificulta. No esqueleto feminino, ficou mais óbvio por causa da fratura no crânio.

Eu aperto bem os olhos, tentando não imaginar.

— Isso é... isso é horrível. — Eu mal consigo absorver. — Vocês... vocês têm certeza de que não tem mais nenhum?

De repente, tenho visões do quintal todo sendo escavado para revelar uma cova coletiva e tremo com o pensamento. Outras “casas dos horrores”, como a imprensa as descreve lugubrememente, surgem na minha cabeça: a 25 Cromwell Street e a White House Farm. Será que nosso chalé vai ficar

famoso? Vou ficar presa ali para sempre, sem ninguém querendo comprar? Meu coração começa a bater mais rápido e eu engulo em seco, tentando me concentrar no que o detetive está dizendo.

— Nós levamos cachorros farejadores de cadáveres para o local. Estamos confiantes de que não há mais corpos.

— Há... quanto tempo os corpos estavam lá?

— Não temos como ter certeza ainda. A terra do seu quintal é mais alcalina e as condições, portanto, preservaram um pouco das roupas e dos sapatos, mas achamos que no máximo por volta de 1970 e, pela decomposição, não depois de 1990.

Minha pele fica toda arrepiada. Duas pessoas foram assassinadas na minha casa. *No meu chalé idílico*. Tudo de repente ganha um tom escuro e surreal.

— E, claro, temos que falar com todo mundo que ocupou a casa entre 1970 e 1990 — continua ele. — Infelizmente, por ser a dona anterior do chalé, nós vamos precisar falar com a sra. Rose Grey.

O aposento gira.

Rose Grey é minha avó.

Maio de 2018

Não consigo parar de pensar nos corpos. Estão na minha mente quando levo Snowy para os passeios diários pelo vilarejo, quando estou vendo televisão com Tom, quando estou trabalhando em um projeto no quartinho na frente do chalé, que eu uso como escritório, com o papel de parede florido dos anos 1970.

Não demorou para a notícia se espalhar pelo vilarejo e, apesar de mais de dez dias terem se passado desde a escavação, as pessoas continuam especulando. Elas ainda não sabem as informações recentes, como e onde as vítimas morreram, mas, enquanto eu estava na lojinha da esquina mais cedo, ouvi a velha sra. McNulty fofocando sobre isso com uma das amigas idosas, uma mulher curvada com um lenço na cabeça e empurrando uma sacola xadrez com rodinhas.

— Não posso imaginar que os Turners sejam responsáveis — disse ela. — Eles ficaram anos lá. A sra. Turner era muito tímida.

— Se bem que — a sra. McNulty baixou a voz, os olhos brilhantes faiscando de empolgação —, não houve aquela confusão uns anos atrás? Com o sobrinho dele e a mercadoria roubada?

— Ah, sim, eu me lembro disso. Bom, eles foram embora meio apressados mesmo — disse a mulher de lenço. — Quando foi isso mesmo? Dois anos atrás? E eu soube que eles deixaram o chalé em péssimo estado. — Ela baixou a voz. — Eram acumuladores, ao que parece. Mas cuidavam do jardim. A sra. Turner gostava de plantar flores.

— E agora vieram esses jovens.

— Eu soube que eles ganharam o chalé de *graça*. Herança, ao que parece.

— Quem pode, pode.

Eu senti minhas bochechas ardendo. Botei a lata de feijão na prateleira e saí da loja antes que elas me notassem.

Agora eu pego o cardigã no encosto da cadeira. Está mais fresco hoje, o sol tentando aparecer entre as nuvens, e eu me curvo sobre a caminha do Snowy para beijar o alto da sua cabeça peluda.

— Até mais tarde, mocinho.

Estou terminando o trabalho cedo hoje, como faço todas as quintas, para visitar a vovó. Sinto uma pontada de culpa quando penso que acabei não indo fazer a visita da semana anterior por causa da imprensa aglomerada do lado de fora da casa. Mas hoje não vai ser como todas as outras quintas. Hoje, quando eu me sentar em frente à minha avó, eu vou ficar imaginando o que aconteceu tantos anos antes. Como duas pessoas acabaram mortas e enterradas no quintal dela?

Piso com meu All Star amarelo em um cascalho, quando corro até o meu carro Mini. Estou usando um macacão jeans com a barra dobrada. Fica bem mais confortável agora que minha barriga está crescendo. Estou com 16 semanas de gravidez e já tenho uma barriguinha. Se bem que não parece que eu estou grávida e sim inchada. Eu amarrei meus cachos escuros com um scrunchie amarelo combinando. Minha mãe sempre torce o nariz para a minha coleção de scrunchies. “São tão... *anos oitenta*”, diz ela, revirando os olhos. “Não acredito que isso voltou.” Eu não a vejo desde o Natal e não foi nada bom daquela vez, graças ao namorado grosseiro dela, o Alberto. As semanas estão voando e eu ainda não contei que ela vai ser avó. Cada vez que penso em contar para ela, eu imagino a decepção.

Quando sento atrás do volante, reparo em um homem parado na pista, parcialmente escondido pelo nosso muro da frente, olhando para o chalé. Ele é corpulento, tem um rosto de buldogue, uns cinquenta e tantos anos, está de calça jeans e jaqueta encerada. Quando repara em mim, ele se afasta. Ele estava tirando fotos do chalé? Deve ser mais um jornalista. A maioria deles desistiu por enquanto... até haver novas informações. Mas de vez em quando outro aparece, como as ervas daninhas do meu jardim. No sábado, quando seguimos pela garagem para passear com Snowy, um

jornalista pulou na nossa frente, bloqueou nosso caminho e tirou uma foto nossa. Tom ficou furioso e o xingou enquanto ele corria de volta ao carro.

Eu saio da entrada de carros e passo lentamente por ele, tomando o cuidado de dar bastante espaço para ele não precisar se agarrar na cerca-viva, mas, quando passo, reparo nele me olhando de um jeito tão intenso que fico chocada. Pelo retrovisor eu o vejo entrando em um carro preto mais abaixo na colina, junto ao número oito.

Tom voltou para casa do trabalho no dia anterior dizendo que tinha visto um artigo sobre os corpos no quintal em um exemplar do *Sun* que tinham deixado no metrô. Tinha uma manchete sensacionalista que brincava com esqueletos em Skelton Place, acompanhada da foto que o jornalista tirou de nós no sábado, com expressões sobressaltadas nos nossos rostos.

— Ah, Deus, Tom — eu disse, meu rosto corado de medo. — Vão dizer que somos a resposta de Wiltshire a Fred e Rosemary West!

Ele riu alto nessa hora.

— Não vão, não. Aconteceu pelo menos trinta anos atrás. Nós nem tínhamos nascido.

Mas minha avó tinha.

Afasto o homem do meu pensamento enquanto sigo colina abaixo, passando pelo Veado e Faisão lá embaixo. Penso de novo em como nossa Beggars Nook é pacífica, com as lindas construções de pedras das Cotswolds. Dirijo pela praça do vilarejo, observo a cruz do mercado, a igreja bonita, a lojinha da esquina, um café e a única butique que vende bugigangas, cartas e roupas caras e casuais. Dá para ir andando do chalé e fica em uma baixada, com o bosque em volta e os carvalhos grossos que sobem na direção do céu. Dá a impressão de que o vilarejo é escondido do resto do mundo. Atravesso a ponte e continuo pela pista longa e sinuosa, com bonitas casas de pedra dos dois lados, até chegar à fazenda no final. É tão diferente da populosa Croydon. Tão seguro. Ou era o que eu pensava. Agora, não tenho tanta certeza.

Os assassinatos devem ter acontecido antes da vovó ter comprado a casa nos anos 1970. Eu sei que ela o alugou por décadas depois que se mudou para Bristol; nós só descobrimos esse detalhe recentemente, depois que ela

foi para um lar de idosos. Minha mãe e eu ficamos um pouco surpresas. Até onde nós sabíamos, a vovó só era dona de uma propriedade: a casa de tijolos vermelhos na região de Bristol chamada Bishopston, onde a minha mãe cresceu e onde eu passava os verões. A vovó, que, antes de a demência tomar conta, amava fazer bolos e cuidar das plantas, era calma e prática, nunca erguia a voz. Bem diferente da minha mãe, que tem pavio curto e não tem filtro, apesar de estar um pouco melhor agora. Aqueles verões com a vovó, na casa de Bristol com o jardim grande e o terreno adjunto no final, eram meu santuário, um descanso da minha mãe e do drama que sempre parecia cercá-la.

Eu amava o labrador preto gordo da vovó com bigodes cinzentos, Bruce (minha mãe nunca quis que a gente tivesse um bichinho. Fediam demais, dizia ela, mas a casa da vovó nunca fedia), e os sofás antiquados e confortáveis com capas de algodão branco nos braços que a vovó lavava e engomava toda semana. Os doces de caramelo que ela guardava em uma lata no alto do armário e o jardim com cerca de arame que o separava dos vizinhos. O cheiro quente e mofado da estufa e dos tomateiros dentro. Era reconfortante ver a vovó na estufa cuidando das plantas, falando com elas suavemente para encorajar o crescimento. Eu amo muito a minha mãe, mas ela tinha (e ainda tem) muita energia, era tão efusiva e extrovertida, com roupas coloridas e personalidade extravagante, que às vezes me deixa exausta. Eu sempre tive mais afinidade com a vovó, nós duas amantes da natureza e do ar livre, meio reclusas, preferindo nossas próprias companhias a multidões.

Vovó fazia eu me sentir normal quando eu admitia que preferia ficar em casa e ver *EastEnders* a sair e brincar com as outras crianças na rua e que estava tudo bem não ficar na rua e falar alto o tempo todo. Minha mãe sempre me dizia quando eu era criança que eu era “quieta demais” e “tímida demais” e perguntava “Por que você não vai brincar com as outras meninas da sua turma em vez de ficar só com uma amiga?”. Mas a minha mãe é uma borboleta social, que voa de um grupo de amigos para outro com uma facilidade que eu sempre invejei, mesmo não querendo ser assim. Como resultado, eu me sentia esquisita e desinteressante quando era adolescente,

sem nunca saber o que dizer. Até conhecer Tom na faculdade. Tom me dava a sensação de que eu podia ser eu mesma e percebi que, com ele, eu era capaz de ser espirituosa e engraçada.

O trânsito aumenta quando eu sigo na direção de Bristol. O lar onde a vovó vive é perto de uma rodovia de mão dupla em uma cidade chamada Filton.

Havia quase um ano que eu comecei a perceber que tinha algo muito errado com ela. Começou de forma bem inócua. A vovó sempre ficava esquecida, sempre dizia “Você viu minha bolsa?” ou “Onde eu botei meus óculos?” com o sotaque cockney que ela nunca perdeu apesar de ter saído de Londres com vinte e poucos anos. Até o ano passado ela estava forte e capaz o suficiente para entrar em um trem e me visitar em Croydon, seguindo um mapa (ela tinha um celular antigo e um guia de ruas todo marcado que vivia na bolsa dela), com o Westie dela, Snowy, junto. Ela se recusava a deixar que eu ou Tom fôssemos buscá-la na estação apesar de nós sempre oferecermos.

O primeiro sinal foram os dois cartões de aniversário que ela me enviou, um alguns dias depois do outro, como se ela tivesse esquecido que tinha mandado o primeiro. Então, quando ela foi ficar conosco alguns meses depois, ela parecia mais esquecida. O nome do Snowy escapava facilmente da cabeça dela, e ela se esquecia de passear com ele ou dar comida até eu ter que lembrá-la ou eu mesma fazer. E aí, depois de ficar conosco por alguns dias, ela se virou para mim e para Tom uma noite quando estávamos vendo televisão e disse: “Pra onde foi o outro casal?” Eu senti um arrepio na espinha. Porque não havia outro casal. A vovó tinha passado a noite com a gente. E partia meu coração ver que, às vezes, a vovó não tinha ideia de quem Tom era ou de quem eu era, a memória indo e vindo como um rádio com sinal ruim.

Naquela visita, ficou óbvio que a vovó estava tendo dificuldade de cuidar do Snowy e, quando eu ofereci de ficar com ele, ela concordou. Eu chorei por trás dos óculos escuros quando vi a vovó entrar no trem sem o amado cachorro, puxando a mala de rodinhas, e fiquei preocupada até ela ligar mais tarde para avisar que tinha chegado bem em casa.

Mas três dias depois a vovó me ligou em pânico para dizer que tinha perdido o cachorro, e eu tive que lembrar a ela delicadamente que Snowy estava morando comigo e com o Tom agora.

Mas o que fez diferença no final, o que me fez ligar para a minha mãe e contar tudo, foi quando uma das vizinhas da vovó, Esme, entrou em contato comigo.

— É a sua avó, meu bem — dissera ela. — Ela deixou uma panela ferver até secar. Sorte que eu apareci lá, ela podia ter botado fogo na casa.

Quando confessei minhas preocupações para a minha mãe, ela veio da Espanha e levou a vovó ao médico. Depois disso, as coisas aconteceram rapidamente (a minha mãe sempre resolvia as coisas, ela era esse tipo de pessoa, bem decidida) e uma clínica particular foi encontrada para a vovó, não muito longe de onde ela morava, na casa de Bristol com o terreno que eu sempre vou pensar como sendo meu lar.

Paro na vaga grande em frente ao prédio enorme e cinzento de aparência gótica chamado Elm Brook, o que o faz parecer mais um retiro do que um lar de cuidados para idosos. Se bem que a minha mãe disse que era um manicômio com grades nas janelas. Mas era bonito, Elm Brooks. O preço era mediano, embora a vovó tenha precisado vender a casa para pagar a moradia. Me dá um nó na garganta quando lembro como me senti quando fui arrumar as coisas dela e esvaziar a casa.

Foi em um dos momentos mais lúcidos da minha avó, em novembro passado, que ela contou para mim e para a minha mãe sobre o chalé. Foi a primeira vez que soubemos da existência dele.

— Está no seu nome, Lorna — sussurrou vovó, inclinada para a frente na poltrona de encosto alto, segurando a mão da minha mãe. — Eu transferi a escritura dez anos atrás.

E eu fiquei maravilhada com a astúcia da minha avó. Ao colocar o chalé no nome da minha mãe, ele não teria que ser vendido para pagar pelos cuidados da minha avó.

Depois, quando eu e minha mãe estávamos do lado de fora do lar nos despedindo, minha mãe, tremendo de frio dentro do casaco laranja, se virou para mim e disse:

— Eu sempre soube que a minha mãe era danada e guardava o dinheirinho dela. Ela deve ter comprado aquele chalé como investimento. — Ela soprou as mãos. — Mas eu não quero. É seu se você quiser. Sei que você odeia morar na cidade.

Eu fiquei chocada porque, pela primeira vez, senti que a minha mãe me entendia de verdade.

— Mas você nem o viu ainda — protestei.

— Pra que eu vou querer um chalé no meio do nada?

E eu entendia o que ela queria dizer. Um chalé no campo seria mundano demais para a minha mãe. Não, ela precisava de sol, sangria e homens exóticos que não eram muito mais velhos do que eu.

A minha mãe pegou o avião para San Sebastián sem nem visitar o chalé. Ela não poderia estar menos interessada. Isso ajudou a aliviar a minha culpa de aceitar a proposta. Uma casa de graça. Sem hipoteca. Representava o tipo de liberdade financeira que Tom e eu nunca tínhamos esperado ter, principalmente com vinte e poucos anos. Significava que eu poderia abrir mão do meu emprego em Croydon e virar freelancer, cercada pelo campo idílico. Um sonho virando realidade.

Mas, agora, eu repassava a conversa. Dez anos antes, a vovó tinha passado a escritura para o nome da minha mãe. Por quê? Teria sido só por questões financeiras? Para evitar o imposto sobre herança? Ou porque ela sabia que tinha havido um assassinato ali?

Não, isso é ridículo. Não tem como a vovó saber qualquer coisa sobre isso. Eu sei disso como sei que amo café preto, sanduíche de pasta de amendoim, as áreas macias de pelo nas orelhas do Snowy e o cheiro de grama cortada.

Respiro fundo e aperto o volante como se para me firmar. Eu nunca consigo prever qual vovó vou encontrar numa visita. Às vezes, ela me reconhece, em outras age como se eu fosse funcionária, e cada vez é como se eu a perdesse de novo.

Quando saio do carro, reparo em um carro preto mais devagar na estrada, passando por mim. Não tenho como ter certeza, mas parece o mesmo automóvel que estava parado perto do meu chalé mais cedo. O rosto do

motorista está virado na minha direção quando ele passa. É um homem, mas não consigo identificar as feições. É o mesmo cara de antes? Ele vai entrar no estacionamento também? Mas o carro acelera e segue pela estrada. Eu fico parada um momento olhando, me perguntando se estou me preocupando à toa ou se é algo que eu devia dar importância.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A casa dos sonhos: A casa era tudo que..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).